

2.2

O passo-a-passo de um plano de formação para grupos de jovens

Queremos ter um plano de formação. O que vamos apresentar é fruto de um trabalho coletivo. Haverá contradições, haverá excesso de preocupações e muitos elementos que podem e devem ser lidos com os olhos de quem busca conhecer uma experiência para iluminar os caminhos de quem deseja também elaborar seu plano de trabalho. Você encontrará minúcias - objetivo, necessidades, metas, cuidados e papel da assessoria, programa, conteúdo... Este foi um esforço longo e cheio de dificuldades e de alegrias, como toda ação de gente que faz porque ama uma causa.

a) Pressupostos básicos para o processo grupal

Para realizar o processo de Formação Integral do/a jovem em seu contexto vital, a Pastoral da Juventude do Brasil tem como instrumento pedagógico principal o grupo de base. Nesse grupo, mediante a dialética ação-reflexão, os/as jovens explicitarão seu "encontro pessoal e comunitário com o Cristo Vivo para que, evangelizados/as, evangelizem e se comprometam com a libertação integral da Pessoa e da Sociedade levando uma vida de comunhão e participação". Ainda que esse processo exija e inclua outras atividades complementares realizadas em conjunto - cursos, retiros, semanas temáticas, missões jovens, festivais de artes -, é o grupo de base que constitui a base das Pastorais de Juventude.

O fato de 10-20 jovens se reunirem periodicamente - mesmo semanalmente - não significa que existe um grupo e, menos ainda, que existe um processo que favoreça o crescimento do jovem na fé e em suas opções. É a "dinâmica interna" - e não atividades ou "técnicas/exercícios" - que nos dirá se há, ou não, um Processo de Grupo. Inúmeros "grupos" de jovens não passam nunca de "reuniões" ou "encontros" periódicos, sem uma dinâmica interna que os torne realmente grupos e garanta um processo de formação.

Um grupo não nasce pronto. Nem nasce "grupo". Como a pessoa, ele precisa ser preparado e "convocado à vida". Precisa ser "gestado", para depois nascer como grupo, passar pelas diversas etapas de crescimento até chegar à maturidade. Como a gente, o grupo também morre um dia: alguns precocemente, outros depois de cumprirem sua missão e darem frutos - "Se o grão de trigo não morrer ... "

É preciso, pois, conhecer as etapas de um planejamento pelas quais passa o grupo, a fim de poder, como assessor/a, orientar o processo. Faz-se necessário, igualmente, um Plano de Formação que oriente o processo e possibilite o seu acompanhamento em cada etapa.

Queremos apresentar uma proposta de plano para o processo de formação grupal que considera e planeja cada uma das etapas, cada um dos passos, com metas claras. O plano descreve as características e necessidades dos grupos em cada uma de suas etapas e passos e os leva em conta para estabelecer objetivos e programas - conteúdos, dinâmicas, atividades complementares - além de linhas de ação para o/a assessor/a que possibilitem o crescimento do/a jovem nas cinco dimensões que essa formação deve atender.

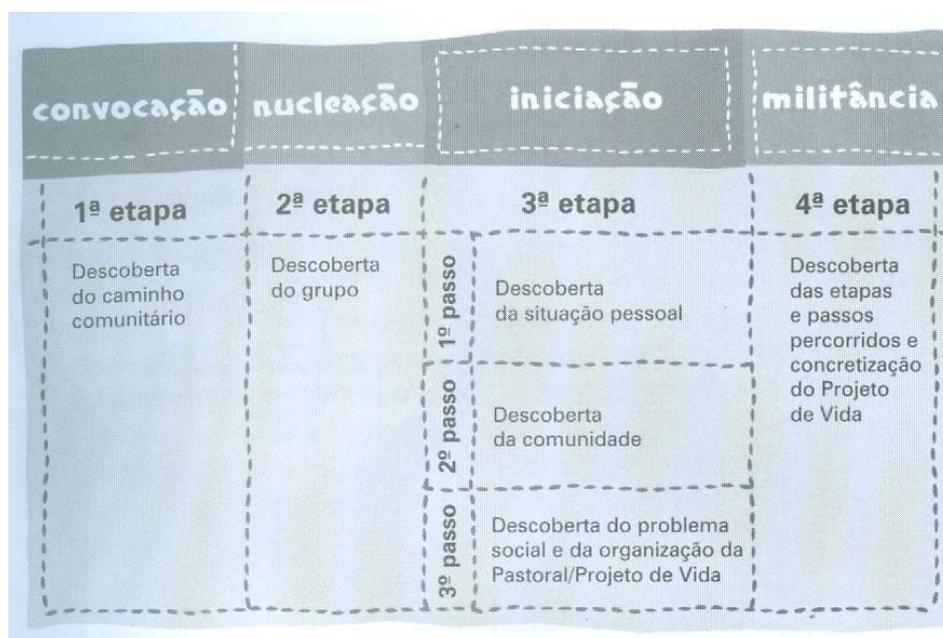
b) As etapas do planejamento do processo

A Pastoral da Juventude do Brasil e da América Latina¹ distingue três grandes etapas no seu processo global de desenvolvimento:

Nucleação, Iniciação e Militância. A experiência nos ensinou, porém, que ainda, antes da nucleação, há um processo de Convocação a ser desenvolvido. Falamos, por isso, de quatro etapas.

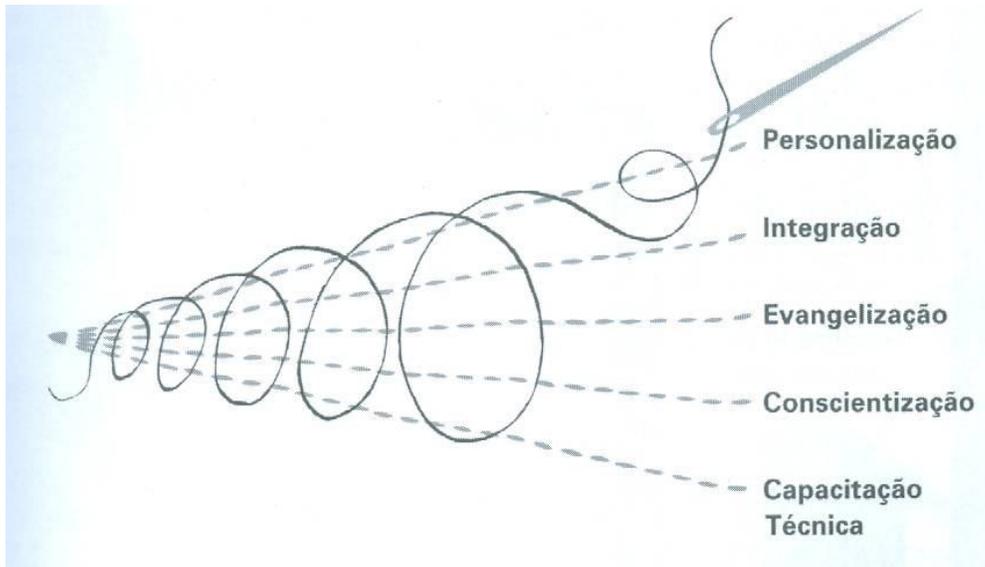
A fase de iniciação se desenvolve em passos. Daí porque temos utilizado um esquema simples, em quatro etapas e três passos (dentro da etapa da iniciação), para compreender a vida do grupo, após a convocação, desde seu nascimento até seu desaparecimento. Para facilitar essa compreensão temos utilizado a comparação dessas etapas e passos com as fases da vida humana.

Tentando visualizar o processo que estamos descrevendo, apresentamos três gráficos. O primeiro mostra cada etapa, com e sem passos, apontando para a descoberta mais importante de cada "momento".

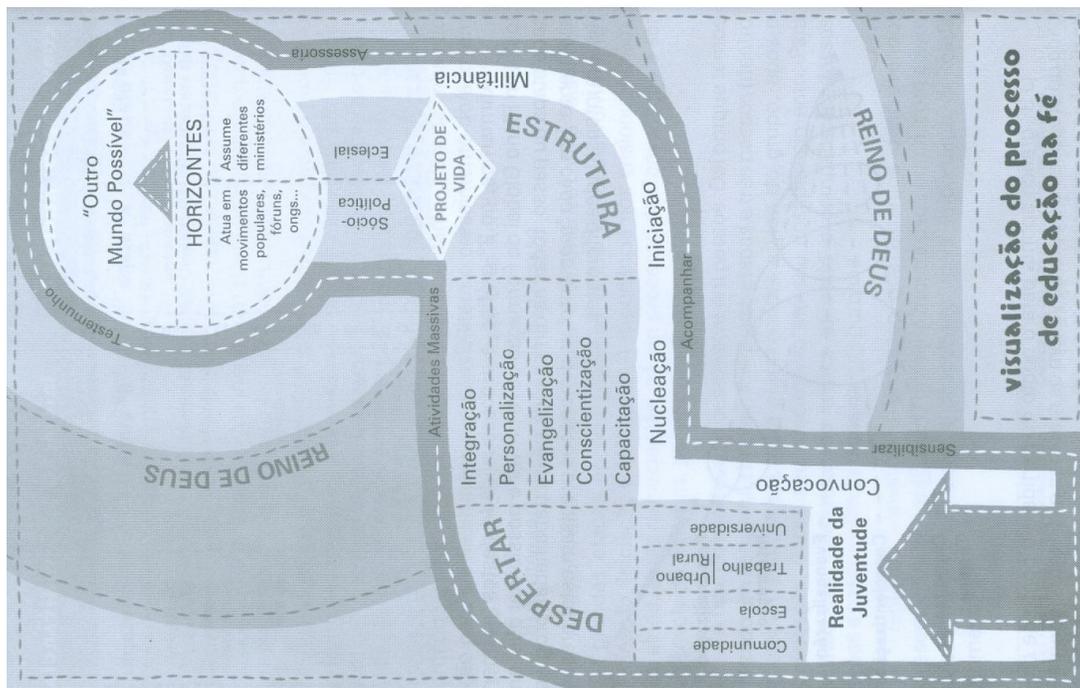


Afirmamos, no 2º gráfico, a processualidade destes "momentos". Um Plano Global de Formação deve prever e possibilitar que, em cada etapa ou passo, todas as dimensões sejam trabalhadas progressivamente. Em cada "momento" as dimensões precisam estar presentes, em intensidades diferentes.

¹ "ct. CELAM. "Pastoral da Juventude - Sim li Civilizar;tio do Amor". Sao Paulo: Paulinas. 1987, pp. 129-155; e "Civilizar;tio do Amor: Tarefa e Esperan;a" - orientar;bes para a Pastoral da Juventude Latino-americana ". Sao Paulo: Paulinas. 1997. pp. 207-228.



O 3º gráfico aponta para o ponto de partida e o ponto de chegada do processo e do plano. Voltam os mesmos elementos, apontando direções e compromissos.



Em nossa realidade, um grupo costuma sobreviver, com os mesmos membros, por três anos, no máximo. São raros os que passam disso. Normalmente a sobrevivência, depois desse tempo, obedecerá a uma nova organização, como "grupo de militantes".

Temos, portanto, um curto período para organizar o grupo e, depois,

desenvolver os passos do plano de iniciação para que esses/as jovens cheguem a militância propriamente dita. Muitos/as jovens tem de abandonar o grupo antes desse tempo e muitos grupos morrem antes que se cumpra o processo. Assim, cobra-se da Pastoral da Juventude quase o impossível: num tempo mínimo, e quase somente as suas custas, recuperar toda a catequese que não aconteceu satisfatoriamente e ajudar o/a jovem a tomar-se cristão/a comprometido/a. Por isso precisamos ser mais eficientes e menos "amadores/as".



Planejar é uma tarefa que todos/as os/as assessores/as e agentes das Pastorais de Juventude precisam exercitar bem. Planejar exige conhecimento da realidade, clareza dos princípios que orientam a ação e clareza dos objetivos que se quer alcançar na formação da juventude. No fundo, a questão é que tipo de pessoas queremos ajudar a construir?

Quanto ao processo, é preciso observar que este não é linear e que as etapas do planejamento não são estanques. Trata-se de um modelo indicativo para planejar e acompanhar o processo grupal. Sempre haverá jovens mais avançados ou mais lentos que a média grupal, em todos os aspectos; ou jovens que se encontrariam numa etapa do plano mais avançada quanto a uma ou duas das dimensões, mas "encalhados/as" em outras. Estes exigirão atenção especial do/a assessor/a e do próprio grupo.

O projeto é sempre um "mapa" que indica como chegar em algum lugar determinado. A estrada e os atalhos e que dão o ritmo da caminhada.

A mesma lógica do planejamento para a vida em grupo pode ser utilizada para instâncias mais amplas como paróquia, escola, comunidade rural e urbana ou, ainda, diocese, regional ou nacional. A formação integral exige um pensar que articula dois elementos: o processo e as dimensões da pessoa.

No projeto de formação, o desafio sempre será considerar as atividades propostas pela Igreja do Brasil. tais como: Campanha da Fraternidade, Grito dos Excluídos, calendário litúrgico e as atividades assumidas pela Pastoral da Juventude do Brasil: a Semana da Cidadania - SdC, a Semana do Estudante - SdE, Dia Nacional da Juventude - DNJ, tendo como referência o processo de educação da fé que será proposto para ser vivido no ano, com metas articuladas entre o projeto de formação e o calendário anual, de modo que o ponto de partida seja sempre as necessidades concretas da vida dos/as jovens.

Ao planejar a formação integral, seja do grupo ou de outras instâncias, é preciso considerar as etapas do plano, que estão ligadas ao tempo de execução e não as pessoas que dele participam. Bem como ter claro que o ponto de chegada é a maturidade como cristãos/as, gente feliz, com projetos de vida claros, com autonomia para as ações que propõem e assumem para suas vidas, para a vida dos outros e da casa de todos/as, que é o planeta.

Nesta perspectiva, é necessário estar atentos/as a algumas posturas presentes na cultura eclesial e social. Há sempre um discurso de que não vale a pena investir na juventude porque é uma fase transitória, ou ainda, porque esta está sempre começando. Contudo, devemos recordar sempre o caráter universal da Igreja. Ela existe para além da comunidade, da diocese e do Brasil. Outra questão primordial é sair da dependência para a autonomia. Nem sempre é fácil porque líderes pensam, interferem, criticam, tem propostas e, na maioria dos casos, os adultos que estão em postos de poder temem ser questionados/as, de modo especial, por jovens. Outros aspectos também podem ser colocados como provocadores de conflitos: a construção da diversidade e a participação em outros ambientes e organismos além das comunidades eclesiais.

Aqueles/as que querem fazer um trabalho com conseqüências terão que assumir a cruz com as dores provocadas pelo crescimento pessoal e comunitário, pela divisão do poder que passa pelas relações de gênero e pelos espaços de decisões políticas mais amplos, permitindo que a democracia deixe de ser discurso e faça parte do cotidiano, envolvendo desde as questões econômicas, sempre misteriosas, até as questões celebrativas, expressão de nossas alegrias e realizações.